

COLEÇÃO
CADERNO AZUL

Directores: SERGIO MILLIET, DE PLÁCIDO E SILVA E LUIS MARTINS

6

DONALD PIERSON

*O Candomblé
da Baía*

Editora **GUAÍRA** Limitada
CURITIBA - S. PAULO - RIO

CADERNO AZUL

A fim de colecionar os mais belos trabalhos produzidos pelos escritores do Brasil, a Editora Guafra Limitada organizou a interessante coleção "Caderno Azul". Sob a direção de Sérgio Milliet, Luís Martins e De Plácido e Silva, nomes consagados nas letras pátrias, os "Cadernos Azuis" colecionarão tudo o que de mais significativo existe na cultura brasileira do presente. A comissão referida admitiu, até agora, os seguintes livros:

N.º 1 — MÚSICA DO BRASIL — Mário de Andrade — Este caderno contém dois estudos dos mais interessantes que Mário de Andrade escreveu: um sobre a evolução social da nossa música e outro sobre dansas dramáticas fbero-brasileiras.

N.º 2 — PSICANÁLISE DO CAFUNÉ — do Professor Roger Bastide, ilustre lente da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de S. Paulo.

N.º 3 — DON'ANA SOFREDO-RA — de Mário Neme. Livro de estréia do vitorioso intelectual bandeirante, que já impôs seu talento pelas páginas da imprensa.

N.º 4 — DUAS CARTAS NO MEU DESTINO — Sérgio Milliet — Essa novela de Sérgio Milliet, ilustrada por Tarsila, constituiu um notavel acontecimento na paisagem do romance brasleiro.

N.º 5 — O HOMEM E A TÉCNICA — Ciro T. de Pádua — Um maravilhoso ensáio sobre as idéias de Spengler e Ortega y Gasset — ilustrado por Clóvis Graciano.

N.º 6 — O CANDOMBLÉ DA BAIÁ — Donald Pierson — Ótimo trabalho sobre este costume tipicamente balano, podendo-se dizer que é o melhor trabalho publicado.

O CANDOMBLÉ DA BAÍA

II 290.14m3
1.85281
325.28112

COLEÇÃO CADERNO AZUL

DIREÇÃO:
SÉRGIO MILLIET, DE PLACIDO E SILVA E LUIS MARTINS

6

DONALD PIERSON

(Da Escola Livre de Sociologia e Política
de São Paulo)

O CANDOMBLÉ DA BAÍA

Gonache de REBOLO GONZALEZ

1942

Editora **GUAÍRA** Limitada
CURITIBA • SÃO PAULO • RIO

Copyright by Editora GUAÍRA Limitada



O CANDOMBLÉ DA BAÍA (*)

O *candomblé*, ou culto fetichista afro-brasileiro, é uma instituição ainda vigorosa na Baía, contando entre homens e mulheres seus adeptos alguns dos mais conhecidos e respeitados das classes inferiores da cidade. Alguns dos seus leaders são pessoas capazes e inteligentes, cujo prestígio atinge até os círculos superiores. Algumas seitas conservam o mesmo templo há várias gerações. Seus rituais e cerimônias são sérias, dignas e executadas de acordo com formas definidas, fixas e tradicionais.

Essa organização bastante complexa de rituais e de crenças baseia-se em uma ordem de *orixás*, ou divindades, cada uma das quais parece personificar um fe-

(*) O que aqui apresentamos é baseado em um conhecimento íntimo do mundo fetichista baiano, e foi obtido durante um período de pesquisa que se estendeu por vinte e dois meses. O autor conheceu pessoalmente os chefes de culto de maior prestígio na Baía, e presenciou várias vezes as cerimônias fetichistas em quatorze dos centros de culto. Na qualidade de ogan teve participação ativa em uma das seitas importantes de São Salvador. Ao apresentar em português este trabalho, ele deseja agradecer a colaboração de Sérgio Millet, Flávio de Campos, Otávio da Costa Eduardo e Luís Saia.

nômeno natural. Assim, entre as divindades mais importantes e veneradas, *Xangô* é adorado como o *orixá* do relâmpago e do trovão; *Ogun*, da guerra e do ferro; *Oxóssi*, da caça; *Omolú*, da peste; *Nanan*, da chuva; *Yemanjá*, da água salgada; *Oxun*, da água doce; *Yansan*, do vento e da tempestade; *Oxun-manrê*, do arco-iris; e *Beji*, (ou *Ibeji*), dos gêmeos.

As seitas mais antigas e mais respeitadas são comumente tidas como de origem *nagô* (yoruba) ou *gêge* (êwê), ou representam uma fusão, no Brasil, destes dois grupos de rituais e crenças africanas tidos como intimamente aparentados. (1) Em detalhes de língua, vestimentas sagradas, dança, cantos, panteon, etc., estes centros diferem dos *candomblés* conhecidos como *congo* ou *angola*, onde se fala um dialeto *bantú*, onde *Loanda* e *Benguela* se tornaram lugares sagrados e onde *Tempo* e o chefe angola *Kissimbe* são importante objetos de culto. Diferem também dos *candomblés* de organização talvez mais recente chamados *de caboclo* cujo ritual, variando de seita para seita, é uma mistura de rituais de outros cultos de origem africana, juntamente com dansas e panteon de origem *tupí*, que inclui *Tupan*, o grande deus *tupí* e *Tupinambá*, que é, aparentemente, uma personificação da tribo desse mesmo nome que habitava a costa baiana na época da chegada dos europeus. Os *candomblés* "de caboclo" realizam suas cerimônias principalmente em português, inclindo cer-

(1) Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil* (S. Paulo, 1932), p. 320.



Imagem de *Xangô* (*orixá* afro-brasileiro do relâmpago e trovão) empregada há tempos numa seita *gêge-nagô* na Baía. Atualmente, é raro encontrar em São Salvador uma imagem como esta. (Gonache de Rebolo Gonzalez. Fotografia concedida por gentileza do Instituto Histórico e Geográfico da Baía).

tas frases de origem africana, geralmente muito corrompidas, tomadas das seitas *gêge-nagôs* ou *congo-angolas* e algumas palavras de derivação *tupí*. Penas, arcos e flexas e outros elementos culturais indígenas fazem parte de seu ritual.

[Esse empréstimo de elementos cerimoniais pelos imitadores *caboclos*, muitos dos quais não foram criados na tradição africana, é desprezado pelos adeptos mais ortodoxos e escrupulosos, especialmente das seitas *gêge-nagôs*. Daí um preto dizer certa vez: "Se seja mistura, é bobagem". E o chefe duma seita *nagô* queixar: "Esse sujeito, Francisco da Roça Branca! Que cachorro! Seus avós, que é que eles sabiam? Foram educados na seita? Será que deixaram o cargo para ele? Não! Ele veio do sertão e quer fundar um *candomblé*. Aprendeu um pouco de *gêge*, um pouco de *nagô*, um pouco de *congo*, um pouco dessas cousas de índio e assim por diante. Que mistura desgraçada!"

Uma *mãe de santo* ortodoxa vangloriava-se do ritual de sua seita: "Tudo é *nagô* puro; não há nada no meu *candomblé* da mistura que esses lugares novos têm hoje em dia. Há gente que dá a essa bobagem de *caboclo* o nome de *candomblé*. Ora, eles não sabem absolutamente nada da maneira como se fazia estas coisas na África".

Entretanto, o empréstimo de ritual de seita para seita acontece algumas vezes mesmo no caso dos centros mais ortodoxos *gêge-nagôs* e *congo-angolas*. E, além

disso, essas seitas não escaparam inteiramente à influência indígena.

Com referência, pois, à origem e à identificação culturais existem três tipos de *candomblés* na Baía: o *gêgê-nagô*, o *congo-angola* e o *caboclo*. (2) Provavelmente as seitas mais puras de origem *gêgê-nagô* são as do Engenho Velho, tida como a seita mais antiga da Baía; a do Gantois, que se separou da do Engenho Velho há cerca de cem anos e que foi durante o tempo da afamada *mãe de santo* Pulcheria a sede das pesquisas de Nina Rodrigues e mais tarde, das de Artur Ramos; e a de S. Gonçalo, cuja *mãe de santo* muito respeitada e capaz, fala um dialeto yorubano conhecido como *queito*. Estas três seitas são provavelmente, em grande parte, de descendência *nagô*, (3) enquanto que a de Bogun é talvez a de descendência *gêgê* mais pura na região, exceção feita de uma seita na cidade de Cachoeira, doutro lado da Baía de Todos os Santos. Dos

(2) O culto *malê*, ou maometano, florescente e vigoroso durante algum tempo, parece ter sido abandonado quasi completamente em favor do culto fetichista pelos afro-brasileiros da Baía. Embora Nina Rodrigues calculasse em 1905, que 1/3 dos africanos que viviam ainda na cidade fosse maometanos, acentuava também que eles faziam então pouquíssimos, ou nenhum, adepto entre os pretos nascidos no Brasil e que o maometanismo com toda a probabilidade morreria com eles (Vide Nina Rodrigues, *op. cit.*, pp. 93-4). Certos rituais *malês*, entretanto, contribuíram para a fusão geral tão característica dos *candomblés*, e diz-se que pelo menos três centros *malês* ainda funcionam.

(3) Também de identificação yorubana é o de Língua de Vaca que foi organizado, diz-se, por negros de origem *igê-shá* e *egbá*.

centros *congo-angola*, julga-se que um dos mais influenciados pela tradição do congo é o de Bate Folha, e um dos mais influenciados pela tradição da *angola* é a seita de *pãe Ciriáco*. Dos centros de *caboclo*, os mais conhecidos quando estive na Baía, eram talvez, o do rico e muito temido *pai de santo*, Jubiabá, na Cruz do Cosme, o da *mãe de santo* Sabina na Quinta da Barra e o do *pai* Joãozinho, ou João da Pedra Preta, na Gomea.

Na sessão do Congresso Afro-Brasileiro que se reuniu na Baía em janeiro de 1937, foi redigido um memorial endereçado ao Governador do Estado pedindo o reconhecimento oficial do *candomblé* como uma seita religiosa com os mesmos direitos e privilégios de todas as demais formas de expressão religiosa, de acordo com a Constituição Brasileira. Para maior eficiência do pedido e obtenção desses direitos e para o combate à bruxaria e ao charlatanismo, que estão talvez entre os principais obstáculos ao reconhecimento do *candomblé* como religião, fez-se uma tentativa, patrocinada pelo jovem jornalista, Edison Carneiro, para congregar todas as seitas baianas em uma federação. O resultado foi uma organização conhecida como *União das Seitas Afro-Brasileiras da Baía* com uma diretoria, constituída de um representante de cada centro, e com o encargo especial de eliminar as práticas não ortodoxas. (4)

(4) Na primeira sessão, a animosidade entre as seitas mais ortodoxas e as seitas "de caboclo" era tão grande que qualquer acordo substancial parecia bastante difícil.

As seitas estão localizadas nas áreas onde os habitantes são quasi exclusivamente pretos ou mulatos escuros, ou nas cercanias da cidade onde existem poucas habitações. Seu número vai talvez de setenta a cem. Alguns afirmam que existem duzentas ou trezentas, mas este cálculo parece exagerado. Ao redor do "lago sagrado", ou Dique, e na área entre as linhas de bonde *Rio Vermelho de Cima* e *Rio Vermelho de Baixo* estão mais de vinte. Um preto que frequentava regularmente a seita conhecida como **Engenho Velho** conhece pessoalmente dezoito seitas, pode localizá-las, indicar sua descendência africana e repetir os nomes de seus chefes. Das dezoito seitas, onze, ele diz, são de origem *nagô*, seis *angola* e um *gêge*. Estão todos localizadas na periferia da cidade, nas partes habitadas principalmente pela porção mais escura da população, ou mesmo nos lugares afastados. De seus chefes, nove são homens e nove mulheres. (5)

Os lugares sagrados incluem o *terreiro*, ou recinto do templo; a *franquia*, ou bosque sagrado; as "fontes sagradas", como a conhecida por "Milagre de S. Bartolomeu" que está situada em um lugar isolado perto de Pirajá, em cujas águas o banho de uma *filha de santo* dedicada a *Oxunmanrê* "faz com que o *orixá* chegue imediatamente"; (6) os "lagos sagrados" como o Dique,

(5) Nas onze seitas *nagôs*, quatro dos chefes são homens, sete são mulheres; das seitas *angolas*, cinco são homens e uma mulher. O chefe da seita *gêge* é uma mulher.

(6) Vide mais adiante.

e os sagrados braços do mar, tais como Cabeceiras da Ponte, Mont'serrat, e Biutê. No *terreiro* estão o *barração*, ou lugar sagrado da dança; o *peji* ou santuário fetichista; a *camarinha* ou compartimento sagrado onde as iniciadas são internadas durante o período de seu noviciado; casebres especiais para os *orixás*, como Exú, que "prefere morar fora do *peji*"; e as habitações para o sacerdote e seus acólitos.

Numa seita de origem *gêge-nagô*, cujo *pai de santo* é dedicado a *Ogun*, a época das cerimônias especiais começa na segunda semana de setembro e encerra-se na primeira semana de dezembro. Durante esse período são celebradas cerimônias todos os domingos, dedicadas cada uma a um ou mais *orixás*. Assim, a primeira cerimônia é em honra de *Oxalá* (o velho), a segunda em honra de *Oxagian* (*Oxalá*, o moço) e as três seguintes, em honra de *Ogun*. Os domingos seguintes são dedicados respectivamente a *Xangô*, *Oxun*, *Oxóssi*, *Yemanjá* e *Yansan*. No décimo primeiro domingo e na segunda-feira seguinte, honras especiais são oferecidas a *Omolú* e no domingo e na segunda-feira seguintes a todas as *mães d'água*. No domingo final é oferecida uma feijoada a *Ogun* com um complicado ritual. Fora desta época regular, cerimônias especiais são celebradas de tempo em tempo durante o ano, com exceção do período da Quaresma, durante o qual estão suspensas todas as atividades do *condomblé*.

Os panteons *gêge-nagô* e *congô-angola* contêm aproximadamente o mesmo número de divindades, ou seja

cerca de uma centena de *orixás* cada um. O pantêon *caboclo* tem talvez um vintena a menos. Cada *orixá* possui seu próprio fetiche, insígnia, dia sagrado, alimentos sagrados, cores e roupas sagradas (incluindo pulseiras e contas de cor) e um "grito" próprio. Hoje em dia, só em raros casos os fetiches são imagens esculpidas. Nas mais das vezes são pedras polidas, gastas pelas águas de um rio ou do mar. São cuidadosamente tratados no *peji*, ou santuário, por um encarregado especial que, em intervalos regulares, lava-os e renova as oferendas de alimentos e bebidas colocadas diante deles.

Em alguns centros considera-se *Oxalá* como a divindade mais importante, em outras *Xangô* e ainda em outras *Omolú* (ou *Xapanã*, como às vezes é chamado). *Olorun*, "o pai dos *orixás*", está quasi esquecido hoje na Baía, embora se possa encontrar ocasionalmente um preto velho que ainda considera *Olorun* como "o creador de todos os outros *orixás*." Julga-se que habitam a África e quando se pergunta a um preto como eles podem vir de tão longe para comer e beber as oferendas a eles dedicadas, a resposta não tarda: "Eles são chamados e vêm já."

Julga-se que em determinadas ocasiões os *orixás* "manifestam-se" pela possessão duma crente e ditam suas vontades. Esta "manifestação" é realizada pela "chegada à cabeça" da pessoa que lhe foi dedicada. Sua "presença" se verifica por uma condição psíquica anormal acompanhada de espasmódicos e violentos movi-

mentos musculares especialmente dos músculos do pescoço, dos ombros e das costas. A "possessão" ocorre geralmente durante as dansas cerimoniais, mas ocasionalmente (muito raro hoje em dia) pode ocorrer espontaneamente estando o indivíduo só e em seu trabalho. Daí, aquele em quem *orixá* "chegou" e "manifestou-se" ter pouco conhecimento do que aconteceu.

O nome, sexo, personificação, fetiche, insígnia, alimentos sagrados, roupas sagradas, ornamentos e dias sagrados, e o "grito" próprio dos principais *orixás gêgênagôs* na Baía são os dos quadros anexos.

Cada seita é presidida por um sacerdote, ou sacerdotisa, conhecidos como *pai de santo* ou *mãe de santo*. Suas funções mais importantes são a de identificar o *orixá* que "se manifesta", superintender a iniciação das dansarinas cerimoniais nas quais ocorreu uma "manifestação" inicial, executar o ritual sagrado para "fixar" o *orixá* no fetiche, superintender os sacrifícios e presidir às cerimônias públicas. Podem também exercer, pelo menos até certo ponto, o ofício de "olhador", ou adivinho que "joga o *Ifá*" para determinar com antecedência o resultado de alguma ação projetada; e também o ofício de curandeiro que diagnostica as doenças e prescreve o tratamento. Pode atender a uma clientela mesmo além dos membros da seita, dando conselhos e indicações a respeito de negócios, política, amor, etc.

As disputas entre os membros da seita são geralmente submetidas ao julgamento do *pai* ou da *mãe de*

santo. A princípio, usa-se a persuasão. Mas, se nada conseguir, o sacerdote ordena que cada uma das partes leve o seu fetiche particular, obtendo-se assim, com raras exceções, que elas aceitem a mediação. A disputa é então resolvida e celebrada bebendo cada uma das partes querelantes a água onde foi lavado o fetiche da outra. A continuação da disputa quebrará a promessa implícita ao *orixá* e tornará o ofensor passível de uma pena, que geralmente é a de morte.

O *pai* ou a *mãe de santo* pode também exercer a função de feiticeiro e praticar a magia negra. Mas esta ocupação é negada por vários dos mais destacados sacerdotes e sacerdotisas que se recusam a favorecer ações destinadas “a causar mal a seus semelhantes”. E’ exercida mais especialmente pelos chefes das recentemente formadas e “menos cuidadosas” seitas *de caboclo*. (7)

São considerações de importância que determinam o prestígio de um *pai* ou *mãe de santo* a idade, o número de anos que é membro do culto, o conhecimento profundo do ritual e, especialmente, a pureza da ascendência africana.

Por uma razão qualquer, os membros masculinos da seita raramente sofrem a “manifestação” de um ori-

(7) Um *pai de santo* de um *candomblé* “de caboclo”, grandemente temido por muita gente em virtude do seu sucesso na prática da magia negra, possui uma respeitável conta bancária, numerosas propriedades na cidade e um rico causal perto do Ilheos, tudo isso adquirido, segundo dizem, no exercício de sua profissão. Entretanto, é muito provável que sua atividade política tenha contribuído em parte considerável para isso.

QUADRO 2

Principais ORIXÁS do Culto Fetichista GÊGE-NAGÔ na Baía, 1937
(Cont.)

Nome	Cor de vestido	Cor de contas	Pulseiras	Dias sagrados	Grito
Oxalá	branca	branca	contas brancas, chumbo	6. ^a feira	gemido trémulo
Xangô	cor principal: vermelha	vermelha e branca	latão	4. ^a feira	eí-i-i
Ogun	todas as cores	todas as cores	bronze	3. ^a feira	guara-min-fô
Oxossi	verde, amarela	verde	bronze	5. ^a feira	latido como o de um cachorro
Omolú	vermelha, preta	vermelha e preta, vermelha e branca	búzios	2. ^a feira	hã
Exú	vermelha, preta	vermelha, preta	bronze	2. ^a feira	(?)
Yemanjá	vermelha, azul-escuro, cor de rosa	"pingos d'água"	alumínio	Sábado	hin-hi-yemin
Yansan	cor principal: vermelha ("evita" o roxo)	vermelha coral	cobre, latão	4. ^a feira	eí-i-i ("mais suave" do que o de Xangô)
Oxun	(?)	amarelo azul	latão	Sábado	hmm-hmm
Anamburucú	branca, azul-escuro	branca, vermelha, azul	alumínio	4. ^a feira	bu-bu-bu-bu-bu
Oxun-manrê	(?)	alaranjada	(?)	(?)	(?)
Lôcô	todas as cores (b)	todas as cores	(?)	3. ^a feira	assobio baixo
Ifá	(?)	verde, amarela	(?)	(?)	(?)
Beji	(?)	(?)	(?)	(?)	(?)

(a) Também o primeiro dia de cada cerimonia.

(b) Também uma esteira de palha ou uma tira de pano branco, chamada *Ouja*, que é enrolada no tronco de uma gameleira.

xá, como acontece com as mulheres. Por consequência, pouquíssimos homens passam pelo rigoroso período de treino que deve sempre suceder ao "chegar" inicial de uma divindade em um dado indivíduo. Ainda mais, os homens, sendo mais móveis que as mulheres, entram geralmente em contacto mais amplo com os europeus e seus descendentes e por consequência tendem a se apropriar com mais facilidade das idéias e dos sentimentos dos brancos. As mulheres, por outro lado, permanecem em geral mais intimamente identificadas com os costumes e as tradições de seus ancestrais africanos. E' provavelmente por esta razão que vários dos *candomblés* mais destacados e influentes da Baía possuem hoje em dia chefes femininos. O chefe de um centro, ao sentir a aproximação da morte, geralmente escolhe o novo sacerdote (ou sacerdotiza) entre os membros que possuem maior conhecimento do ritual e de outras tradições. Quando interrogados sobre a razão de determinada escolha, os membros do culto dizem sempre: "Ele (ou ela) é muito sabido".

Entre outros funcionários sagrados contam-se os *ogans* ou membros masculinos da seita, que ajudam o *pai* ou a *mãe de santo* no ritual, especialmente na invocação da presença dos *orixás* durante as dansas cerimoniais, auxiliam a iniciação dos novos *ogans*, agem com intermediários entre a seita e as autoridades legais e contribuem para as despesas do culto; o *achôgun*, ou "segundo pai", como muitas vezes é chamado, que executa os sacrifícios; a *jibonam* ou "pequena mãe", cuja

autoridade vem logo depois da da mãe de santo, e que ajuda as dansarinas cerimoniais na execução de seus preceitos, ou obrigações rituais, e que faz o despacho (ou oferenda de alimentos) a Exú no princípio de todas as cerimônias importantes: os músicos que tocam durante certos rituais secretos e em todas as cerimônias públicas juntamente com seu chefe ou *alabê*; e as importantíssimas *filhas de santo* (ou dansarinas cerimoniais), que servem de "cavalos" (como eles dizem) para os *orixás* "se manifestarem" em seus corpos e ditarem suas vontades por esse meio.

Esta "visitação", conhecida como "estado de santo" é provocada pelo jejum prolongado, pelo aroma violento de certas ervas sagradas, pelo bater prolongado e monótono dos *atabaques*, ou tambores sagrados, pelo calor de um grande número de corpos humanos densamente apertados em uma noite quente, pela fadiga resultante de uma dança contínua, pelas expectativas imperiosas do grupo e muitas vezes por um incidente provocador, como um estouro repentino, alto e inesperado, no momento em que a tensão atinge um ponto tal em que não mais pode ser suportada. Dizem que se pode evitar o transe bebendo água fria.

Depois da primeira "visitação" de um *orixá* ao corpo de uma pessoa, é preciso que ela se submeta a um dos dois rituais da iniciação. Pode escolher a iniciação completa para "fazer santo", ou a iniciação parcial de "dar comida à cabeça". Si, como a maior parte, ela escolher o primeiro, é preciso que faça a oferta inicial de

alimento a Exú, depois do que obtém-se um fetiche, preparado pelo pai de santo que o lava e imerge no azeite de dendê, mel ou acaçá, conforme o *orixá*, sendo todo o ritual acompanhado de invocações especiais. A iniciada ou *yauô*, como agora é chamada, entrega toda suas vestes que nunca mais serão usadas, como símbolo da nova vida que ela vai adotar e submete-se a um banho ritual, ao anoitecer, com água perfumada pelas ervas sagradas de aroma penetrante. A *yauô* é então recebida no *pegí* pelos dignatários do culto, e sentada em uma cadeira ainda não usada, enquanto que os *orixás* "tomam parte" em um sacrifício especial que lhes é oferecido. Seu cabelo é então cortado e sua cabeça raspada. (8)

Pontos e círculos brancos são pintados no crânio, na testa e nas faces. A iniciada toma então um *obí* em sua mão, os *atabaques* começam a soar uma invocação a seu *orixá* e ela executa uma dança sagrada especial até que o *orixá* "chega à sua cabeça" e que ela experimente uma vez mais o *estado de santo*. A *yauô* é então escoltada do *pegí* para a *camarinha* onde permanece durante dezesseis dias antes de participar em sua primeira cerimônia pública, depois da qual ela volta para a *camarinha* por um período que vai de seis meses a um ano, afim de aprender os vários rituais do culto, os cantos e alguma coisa, pelo menos, de uma língua africana. Entrementes, é submetida a uma alimentação determinada e sofre a restrição de outros tabús.

(8) Antigamente, raspavam-se todas as partes pilosas do corpo.

Afim de verificar sua aceitação pelo *orixá*, pode-se exigir que a *filha de santo* se submeta, sem mostras de dano corporal, a uma prova, tal como engulir pavios acesos de vela embebidos em azeite de *dendê*, mergulhar as mãos em óleo fervente de palma, mastigar folhas de urtiga, ou submeter-se, ajoelhada, a ser batida no pescoço e nos braços com ramos da consanção espinhosa.

Durante toda a sua vida, a nova *filha de santo*, além de submeter-se às manifestações de seu *orixá*, deve executar, em certas ocasiões, determinados atos rituais, observar rigorosamente determinados tabús a respeito de alimentos, bebidas e sexo, usar uma roupa especial para as ocasiões de cerimônia e "dias de obrigação" (especialmente sextas-feiras). Por ocasião da sua morte, essa roupa, juntamente com os objetos de culto que lhe pertenciam são levados e atirados ao mar "para que as ondas os levem de volta para a África".

Quando é "feita", a *filha de santo* recebe um guia e protetor que lhe há de trazer fortuna e felicidade, se ela obedecer aos rituais e tabús prescritos. "Olhe para mim!" exclamou uma *filha de santo* recentemente "feita". "Meu *orixá* é o maior de todos os *orixás*. Ele é poderoso. Eu sou uma preta e não sei ler nem escrever. Mas estou vivendo com um homem formado pela Faculdade de Medicina. Veja o que o *Oxalá* fez por mim!"

Como já notamos, os rituais e as cerimônias do culto são graves, cheias de dignidade e executadas de acordo com formas fixas e tradicionais. Entre os elementos essenciais das cerimônias *gêge-nagôs* está a rígida sepa-

ração dos espectadores de acordo com o sexo. Os homens ocupam sempre os assentos à esquerda dos tambores, as mulheres os da direita. Nem a embriaguês, nem a obscenidade são permitidas. Um membro de uma seita *nagô* disse: "Se beberem cachaça num *candomblé* já se pode saber que não é bem organizado". Uma vez numa cerimônia no Gantois, um homem embriagado atravessou a multidão e entrou no *barracão*. Imediatamente, *mãe de santo* Minaninha, que presidia a cerimônia, mostrou-o a dois *ogans* que, chamando um policial na multidão, prontamente expulsaram o intruso.

As *filhas de santo* antes de começarem a dança cerimonial fazem reverência ao pai ou *mãe de santo* ajoelhando-se e curvando a cabeça até o chão ante o chefe do culto. Igual reverência é também prestada aos pais ou *mães de santos* em visita, a outros personagens de honra do mundo fetichista quando em visita, e ocasionalmente aos *ogans*.

Quando, durante a dança cerimonial um *orixá* "chega à cabeça" de uma *filha de santo*, depois de passado o primeiro transe violento, ela deve executar a dança sagrada de seu *orixá*, depois do que é levada do *barracão* até o *pegí*, tendo o cuidado ao se afastar de manter o rosto sempre voltado para os tambores. Em um quarto especial ela é então vestida com os trajes de cerimônia consagrados a seu *orixá* e com sua insígnia sagrada ela volta ao *barracão* para executar durante horas as danças dedicadas a seu *orixá*.

Os sacrifícios são executados de acordo com um ritual especial para a ocasião e incluem as ofertas de galinhas, galos, pombos, carneiros, cabras e bodes.

No mundo do *candomblé* certos gestos são obrigatórios. Assim, ao saudar um alto dignitário do culto a *filha de santo*, se o *orixá* a quem ela é dedicada for masculino, prostra-se com o rosto no chão aos pés daquele que assim é honrado; se seu *orixá* for feminino ela deita-se ao comprido, primeiro de um lado, depois de outro; e ao levantar toca o solo com a cabeça. Ao despedir-se de um *orixá* que "visitou" a cerimônia, um membro da seita aperta fortemente a mão esquerda da dançarina da cerimônia. Os *ogans* usam entre eles um aperto de mão especial. Depois de uma discussão entre os membros de uma seita, o acordo é feito quando eles se levantam, batem palmas, e apertam-se as mãos.

A posição social no *candomblé* depende não somente da posição na hierarquia dos dignitários do culto mas, mais especialmente, da prioridade em ter sido "feito", ou "confirmado". Aqueles com poucos anos de "ser feito" são conhecidos como "os mais jovens", e devem se dirigir aos "mais velhos" com maior respeito e, como observou uma vez um *ogan*, "colocá-los acima de si próprio".

Os instrumentos musicais empregados compreendem os *atabaques*, ou tambores, o *agôgô*, com o qual o sacerdote ou sacerdotiza bate as primeiras notas de cada invocação e que mais tarde acompanha os tambores, o *axixi*, o *agê* (também conhecido como "cabaça" ou

"piano de cuiá"), o *adjá* e, ocasionalmente, o *xaque-xaque*. (9) Os *atabaques* são indispensáveis em todas as cerimônias. O som grave do tambor maior, é entrecortado pelos tons mais agudos do tambor médio e do menor. O ritmo é caracterizado por um sincopar monótono e interrompido, variando de acordo com o *orixá* invocado. (10) Para as ocasiões em que o *orixá*

(9) Os *atabaques* (ou *tambaques*) são tambores de madeira, tendo cada um, aproximadamente, cinquenta centímetros de diâmetro, mas de altura variável e usados invariavelmente em conjuntos de três. O maior, chamado *ilú* ou *rum*, raramente mede menos de oitenta centímetros de altura, atingindo as vezes até dois metros, ao passo que o tambor médio, conhecido por *rumpi*, varia entre as alturas de sessenta e de cento e vinte centímetros e o menor, ou *lê*, de quarenta e oitenta centímetros. Afim de produzir som macio e abafado, os tambores são batisados com as mãos. Para os tons mais fortes usam-se as *baquetas*, que são varetas curtas, de madeira. O enorme *bátá-cotó*, tambor de guerra, que desempenhou papel saliente nas insurreições de escravos, desapareceu já há muito tempo. O *agôgô* é um instrumento bi-tonal, consistindo em dois cones ocos, de ferro, reunidos. É batido com uma *chaveta* de ferro. O *agê*, ou *piano de cuiá*, é uma grande cabaça contendo seixos e coberta por uma pequena rede de algodão em cujas malhas estão firmemente presos búzios importados da África. Se estes búzios não puderem ser obtidos, usam-se em lugar sementes secas conhecidas por *contas de Nossa Senhora*. O *caxixi* é uma delgada cesta de cana ou de palha, contendo búzios ou pedrinhas. O *xaque-xaque* é um instrumento ôco de metal, tendo a forma duma barra com as duas extremidades dilatadas, cada uma dessas extremidades contendo pedrinhas. Produz, ao ser sacudido, o som que lhe dá o nome. O *adjá* é um pequeno sino de metal, usado para chamar os membros do culto para o ritual conhecido como *dar comida ao santo*.

(10) Vide Artur Ramos, "Os instrumentos musicais dos *candomblés da Baía*", *Baía Médica* (ano III, julho de 1932), p. 194 e seg.

invocado "demora" em manifestar-se, mesmo depois de se ter apressado o tempo da invocação, existe um ritmo especial vibrante, rápido, contínuo, não sincopado, conhecido como *adarrum*, que os adeptos do culto afirmam "não haver orixá que resista". É o seguinte ritmo monótono:



Embora a música instrumental do *candomblé* seja bastante monótona, assim como as palmas que muitas vezes a acompanham, o acompanhamento vocal é polifônico. As cantigas são geralmente compostas de simples frases musicais em tom grave, e a escala, que quando da sua importação da África, dizem ter consistido apenas de cinco intervalos, tem agora sete.

Entre as invocações cantadas aos vários *orixás* consta a seguinte dada por um antigo *ogã* do *candomblé* do Gantois. (11)

Egbêji mori ô ri, okorin-kam

Orolu mori ô ri, okorin-kam

(Poderoso, eu vós conheço como o primeiro homem).

Okum-kum biri-biri

A já lê mori ô korin-kam

(Mesmo nas trevas eu vos distingo como poderoso).

11) Querino, *Costumes Africanos no Brasil* (Rio, 1938), p. 108.

A orêrê aiê, orixá loman,

Iá ochê Egbêji orêrê, aiê

(No mundo, nada está oculto para Deus).

No enterro de um membro de culto os cantos e os instrumentos musicais das cerimônias do *candomblé* são raramente usados, embora isto era comum antigamente, segundo dizem. Mas o caixão é levado pelos *ogãs*, e as *filhas de santo*, vestidas de *baiana* (12) acompanham

(12) Este traje se compõe de uma saia muito rodada, de várias cores combinadas, medindo geralmente cerca de 2 a 4 metros de roda na bainha, usada bufante e armada por uma anágua, ou saia de baixo muito engomada; uma *bátá*, isto é, blusa branca, comprida e solta, em geral de fazenda de algodão mas às vezes de seda, usualmente enfeitada de renda larga, às vezes usada muito frouxa no pescoço e deixada a escorregar de um dos ombros; um *pano da costa*, isto é, um comprido manto de algodão listado, às vezes atado sobre um dos ombros e preso debaixo do braço oposto, outras vezes enrolado uma ou duas vezes em uma grande faixa à volta da cintura e amarrado bem justo; um *torso* ou turbante, de algodão ou seda, atado à volta da cabeça; *chinelas*, isto é, sandálias de couro, sem presilhas, de saltos baixos; muitos colares de coral, búzios ou contas de vidro, às vezes tendo corrente de metal, usualmente prata; brincos de turquesa, coral, prata ou ouro; e muitos braceletes de búzios, ferro, cobre ou outro metal. O *balangandá*, a princípio, ornamento muito importante, desapareceu. Como variante da *bátá*, uma blusa branca é às vezes usada presa por dentro da saia, e o *pano da costa* é às vezes substituído por um chale de lã ou seda. Para ocasiões de festa as sandálias ou chinelinhas de couro são em regra preferidas as chinelas e frequentemente se veem os calçados habituais da classe baixa, os tamancos, simples sandálias de sola de madeira e bico de couro; ou, ocasionalmente, chinelos de pano. Algumas mulheres andam descalças. O *torso*, que comumente se diz ser de origem árabe, foi provavelmente trazido para o Brasil pelos Haussás e outros adeptos negros de Maomé, importados das áreas imediatamente ao sul do Saara.

o cortejo. Uma vez que se acredita ainda que o *orixá* do morto pode, nessa ocasião, procurar um novo "cavalos", as mulheres grávidas não acompanham o cortejo. A "possessão" entretanto pode se dar, como às vezes acontece. Assim, no enterro de uma preta velha, *filha de Ogun* do *candomblé* de Engenho Velho que tinha sido "feita" há trinta e três anos e era grandemente conhecida e respeitada por seu conhecimento do ritual africano, duas *filhas de santo* foram "possuídas" quando o cortejo percorria a íngreme subida para o cemitério da Quinta dos Lázaros e uma outra mais tarde no momento em que a carneira estava sendo fechada. Em todos esses casos, "a possessão" principiava por um leve choro que logo se tornava em altos soluços, enquanto que o indivíduo apertava a cabeça entre as mãos com toda a força, uma na frente outra no occipital, como mergulhado em grande dor. As pernas dobravam-se e os músculos dos ombros e das costas começavam a vibrar violentamente. Num dos casos a espinha se tornou rígida e com exceção dos músculos dos ombros que continuavam num tremor rápido, todo o corpo tornou-se rígido, com os braços e as pernas inteiramente distendidas. Entrementes, a *filha de santo* gemia, chorava ou gritava em altos brados.

Para se chegar à seita de uma conhecida *mãe de santo* toma-se o bonde da Calçada para a periferia da cidade passando-se por laranjais e pastos crescidos até o matadouro onde se desce, e começa-se a subir uma estrada íngreme, ladeada por uma planta chamada "nativo" (que dizem ser originária da África), *uricuris* e

coqueiros, até que, depois de andar mais de dois quilômetros, chega-se a um cume que domina um verde vale, donde se pode ver bem distantes as casas da cidade. Uma brisa fresca sopra do mar e tempera o calor do sol tropical. Entre palmeiras esparsas aninham-se várias casas, algumas elegantemente caiadas de branco, amarelo, verde e azul.

A *mãe de santo* é uma preta alta e majestosa, cujo menor gesto é imediatamente obedecido pelos membros de sua seita. Possui meios e dizem ser bastante rica. Ela afirma orgulhosamente: "Sou filha de dois africanos, graças a Deus!" Aprendeu a falar *queito* com seus pais; o *nagô* ela aprendeu "na seita". É analfabeta, mas a respeito de seu conhecimento dos rituais e crenças do culto africano um *ogã* se refere com orgulho: "Ela conhece as coisas africanas melhor do que qualquer outro na Baía". Inteligente, de espírito vivo, agil na discussão, ela é um dos mais respeitados e obedecidos chefes do mundo afro-brasileiro. Quando, em discussão com um padre, este disse que não tendo ela sido ordenada pelo papa, não podia ter "autoridade espiritual" para executar os rituais religiosos, ela prontamente perguntou se Moisés "o grande profeta e chefe de seu povo" tinha sido ordenado pelo papa. Afirma que o primeiro homem não pode ter sido um branco, mas um homem de cor "si não preto, pelo menos vermelho". "Não dizem os estudiosos que o homem provem da Ásia? Os homens brancos não vieram desse continente". Ela afirma que "Jesus também deve ter

sido um africano, ou pelo menos um homem de cor bastante carregada uma vez que seus parentes o esconderam no Egito. E o Egito não está na África? Se Jesus não fosse escuro como poderia ter sido possível escondê-lo entre o povo da África?"

Esta mãe de santo tinha sido "feita" há mais de cinquenta anos no *candomblé* do Engenho Velho. Ela se gaba: "Minha seita é puramente *nagô*, como o Engenho Velho. Mas eu tenho resuscitado grande parte da tradição africana que mesmo o Engenho Velho tinha esquecido. Eles têm uma cerimônia para os doze ministros de *Xangô*? (13) Não! Mas eu tenho". Planeja

(13) De acordo com um conhecido *babalaô* (advinho) baiano, *Xangô* foi um grande chefe africano cujas crueldades o povo procurou sustar ateando fogo uma noite em sua habitação. Todos que aí estavam foram queimados exceto *Xangô* que atravessou incolume as chamas. Espantado, o povo se prostrou ante ele e pediu perdão. *Xangô* se tornou um rei poderoso e subjugou muitas de suas tribus vizinhas, das quais doze chefes se tornaram mais tarde seus conselheiros reais ou ministros. Mesmo antes da sua morte, que ocorreu em avançada idade, *Xangô* já era adorado. Dele, o *babalaô* baiano Martiniano disse no Estado da Baía (19 de abril de 1937):

Oyó, capital de Jôrubá, — antigamente simples acampamento dos *nagôs* para a doma de búfalos, — era governada por *Ablódun*, um dos primeiros reis do povo *nagô*. Ele era amigo do seu povo e o país prosperava a olhos vistos. Com a sua morte, sucedeu-o *Awólé*, que, embora concorresse para aumentar o fabrico do azeite de côco, não conseguiu que a vida se fizesse menos difícil, principalmente para a lavoura. O povo *nagô* o criticava de indelétricas:

AWÓLÉ LI A DI ADIKALÉ...

Aimal, *Awólé* abdicou em favor de *Arôgangan*, um grande caçador e um grande guerreiro, mas sem jeito

reconstruir seu *barracão*, ou pavilhão sagrado para cerimônias, e isso, segundo dizem, custará uns contos que deverão ser pagos pelas contribuições dos membros de sua seita. Possui uma pequena loja na cidade onde vende vários artigos, inclusive os usados nos rituais do

para governar. O povo, em contínuas revoltas, demonstrava a sua antipatia pelo governo militar de *Arôgangan*. Foi então que surgiu *Bêri*, depois chamado *Xangô*. Ele, que era um homem valente, invadiu *Oyó* com o seu povo, fazendo proezas de assombrar. O povo *nagô* ficou amedrontado e o próprio rei *Arôgangan* curvou a cabeça diante do invasor. Ora, isso era um sinal de fraqueza, uma profissão de vassalagem, pois os reis não curvam a cabeça diante de ninguém. Assim o compreendeu o povo, que daí por diante começou a obedecer a *Xangô* em vez de ao rei. Engraçado é que o rei *Arôgangan* era valdoso ao extremo, tendo feito correr entre o povo do seu reino estas palavras:

Arôgangan fi ôkê xê éghéra
ôri kô gbô kê món
alô xó bi ébóra
Ôyibô ixókún

que querem dizer que "só as montanhas são comparáveis a *Arôgangan*, diante de quem todos deveriam baixar a cabeça, reconhecendo nele um grande potentado, como os brancos".

Apesar de tudo, *Xangô* tomou conta do governo, sem que, entretanto, destronasse *Arôgangan*. O povo de *Yôrubá* continuou a guerrear com os povos vizinhos, sempre vencedor, devido às façanhas nunca vistas de *Xangô*.

Foi nessa época que dois grandes guerreiros das cidades sitiadas por *Xangô* vieram aprender com ele a tática de guerra. Um deles era *Timin*, valente guerreiro do qual se dizia que as flechas eram como chamas, donde o chamarem *Agbalé Ôlófá Inan*, o guerreiro que desaprendia flechas de fogo. O outro era *Gbonká*, alto e forte, apelidado, por isso mesmo, *Ebirí*. *Xangô* não lhes fez cara feia, antes se prestou a ensinar-lhes a arte da guerra de

culto, e sabendo os membros do mundo fetichista que esses artigos devem ser legítimos, uma vez que são vendidos por ela, a loja faz um bom negócio. Ela diz:

“O africano não adora coisas feitas pela mão humana. Ele adora a natureza. O que é uma *pedra* (fetiche)? Não é um mineral? Não foi feita por mão humana.

“Somos tão cristãos como os católicos. Mas seguimos também a lei de Moisés. Ele ordenou que os sacrifícios fossem feitos com carneiros, cabras, bois, gali-

bão vontade. Na verdade, porém, Xangô não lhes ensinava tudo, pois pensava matá-los, temendo a sua concorrência na chefia do Poder. Ainda mais porque os dois jovens guerreiros cada dia se tornavam mais populares entre o povo de Yôrubá. Havia já algum tempo, aliás, que Xangô apenas fazia preparar a guerra. À frente dos exércitos marchavam os guerreiros Timin, o das flechas luminosas, e Gbonká, o gigante...

Um belo dia, Timin desconfiou dos intuitos de Xangô e, à volta de uma empresa arriscadíssima, de que voltara, como sempre vitorioso, coberto de glória, chegou ele a Oyó e, acintosamente, em vez de se dirigir ao palácio real, mandou chamar Xangô para a praça pública, onde o esperava. O grande guerreiro atendeu ao chamado. Então, ajudado por Gbonká, diante da assembléia das tribus, Timin exprobou o procedimento de Xangô, dizendo-lhe que si os queria matar, a ele e ao gigante, mandasse armar uma fogueira para os queimar vivos. Xangô isso fez. A fogueira ardeu, sem queimar os dois companheiros intrépidos.

Outras provas — a das brasas e a do azeite fervendo — foram utilizadas, sem dar o resultado previsto. Então, diante da desmoralização sofrida, Xangô, sem que ninguém conseguisse saber como, desapareceu do meio das bus estupefactas.

Houve um grande clamor na terra e, mal se dava pelo desaparecimento de Xangô, uma tempestade de violência

nhas, pombos e assim por diante. Não é verdade? Nós apenas obedecemos a seus mandamentos.

“Existem duas partes na Bíblia, não é assim? O Velho, e o Novo Testamento. Nos seguimos o Velho tanto quanto o Novo. Antes de Cristo o povo adorava Deus com cantos e dansas. Não é verdade? Davi tocava harpa, cantava salmos e dansava ante o Senhor. Nós temos nossos cantos também e cada um deles tem uma significação especial. Assim como os católicos têm imagens para seus santos, nós temos alguma coisa para

nunca vista desabou sobre o mundo, com trovoada, relâmpagos e raios...

Os homens da nação nagô tiveram medo e exclamaram: — Xangô se tornou um ôrixá!

O maior guerreiro de Yôrubá, desaparecendo, levava as favoritas entre as suas mulheres, Ôxín e Oyá, para as nuvens.

* * *

Os dois guerreiros, que haviam provocado o desaparecimento de Xangô, voltaram às suas terras de origem. Os ministros de Xangô, os mangbá, instituíram o seu culto ôrixá, atribuindo-lhe, no céu, as mesmas preferências pessoais que denunciara, cá na terra, por certos animais, como o carneiro, por certos comestíveis, como o quilabo, etc. Daí a divinização de Xangô.

* * *

Algum tempo depois, formou-se um conselho de ministros encarregado de manter vivo o seu culto. Esse conselho foi organizado com os doze ministros que, na terra, o haviam acompanhado, seis do lado direito, seis do lado esquerdo. Os da direita eram Abiódún (descendente do rei Abiódún, príncipe), Ônikôyi, Aréssá, Ônanxôkún, Ôbá Télá e Ôlugban. Os da esquerda, Aré, Ôtum Ônikôyi, Ôtun Ônanxôkún, Ôkó, Kaká Nfó e Ôssi Ônikôyi. Estes

185.209 C
1953



nos lembrar os nossos orixás. Mas não adoramos imagens feitas pelas mãos humanas, como eles fazem. Adoramos a natureza”.

Uma das assistentes desta mãe de santo, uma velha preta que “toma conta” do terreiro e que dizem ter mais de noventa anos, tem um nome africano e fala nagô tão bem, ou melhor que o português. Ninguém no mundo fetichista da Baía pode “lhe dar a benção”, porque ela é “a mais velha” da cidade (isto é, a que foi “feita” ou “confirmada” há mais tempo). Ela lamenta “os bons tempos” quando ainda existiam africanos na Baía.

Um preto de cerca de oitenta anos, um dos dois babalaós da Baía, conhecido e grandemente respeitado em todo o mundo fetichista por sua piedade, sinceridade e seu conhecimento dos costumes e tradições africanas, quando entra no quarto junto ao *pegi* é saudado por um rápido rufar de tambores em surdina. Ele inclina-se para os músicos em reconhecimento de sua sau-

ministros — antigos reis, príncipes ou governantes dos territórios conquistados pela bravura de Xangô — não deixaram que a lembrança do herói se apagasse na memória das gerações.

* * *

Por isso, no Centro Cruz Santa do Aché de Opô Afonjá, de São Gonçalo do Retiro, se levou a efeito, este ano, a festa de entronização dos doze ministros de Xangô, escolhidos entre os *ógans* mais velhos e prestigiosos do *candomblé*.

Este *candomblé*, erigido em honra de Xangô, é o único, na Baía, — e talvez no Brasil, — a realizar essa festa, que tanta recordação boa trás para os filhos espirituais do continente africano...

dação; entra no *pegi*, faz uma grande inclinação ante o altar, toca o chão com a ponta de seus dedos e repete uma oração em *nagô*. Conhece tão bem as “coisas africanas” que é ocasionalmente chamado a Pernambuco, quatrocentas milhas de costa brasileira acima, para executar ritos especiais que os membros do culto nessa cidade são incapazes de realizar. Ele diz do *candomblé*: “O *nagô* adora a natureza, porque é realista e quer ver o que adora. Ele não pode ver o Deus dos católicos”.

O *barracão* tem cerca de quinze metros por dez, com o teto e os lados cobertos com folhas de palmeiras e o solo revestido de areia fresca. Ao entardecer, é alegremente decorado com tiras de papel, brancas, na maior parte; outras entretanto são vermelhas, azues, verdes ou amarelas. Uma taboleta grande e bem feita, que um dos *ógans* conta orgulhosamente ter sido pintada por sua filha, uma primeiranista da Escola Normal, traz a inscrição: “Centro Cruz Santa do Aché de Okô Afonjá”, uma combinação de português e *nagô* que significa: “Centro Cruz Santa dos Irmãos e Irmãs do Templo de Xangô”. Em um estrado à esquerda dos músicos foram colocadas cadeiras para a sacerdotisa, para a preta velha e o preto velho de que já falamos. Os espectadores são cuidadosamente excluídos do lugar das dansas, em frente dos tambores, por meio de separações patrulhadas pelos *ógans*. Pendem dos muros três pendões trazendo respectivamente as inscrições: “Viva Oxalá”, “Viva Oxun” e “Viva Aryra” e um pendão vermelho com as palavras: “Viva Xangô”.

As filhas de santo, que são escoltadas até o *baracão* sob um lençol branco à guiza de pálio sustentado pelos *ogans* que iluminam a procissão com tochas acesas, são em número de dezessete: todas elas pretas, com exceção de duas mestiças escuras. Dos *ogans* quatorze são pretos, onze são mestiços, seis dos quais são escuros, e um imigrante português que chegou ao Brasil há uns trinta anos, e é hoje dono de um pequeno estabelecimento de venda a varejo na Cidade Baixa.

Três das dansarinas estão sendo "feitas". Suas cabeças foram raspadas e pintadas com listas azues e pintas brancas. As faces das *yauôs* mostram pintas e listas brancas. Ao redor do pescoço, ou pendendo do ombro direito até em baixo do braço esquerdo estão longas cadeias de búzios importados da Costa Ocidental da África.

Em um edifício especial de chão cimentado se acha "a sala do trono de Xangô". Num dos lados está o altar que lhe é dedicado e que é profusamente decorado com velas e flores, tanto naturais como artificiais. Mostrando a fusão dos elementos católicos e fetichista nota-se na parte inferior do altar uma imagem de Santo Antônio, mais acima uma de Nossa Senhora das Candeias, ainda mais acima imagens dos gêmeos, Cosme e Damião; e acima de todos uma de São Jerônimo. A *mãe de santo* diz que Santo Antônio é "apenas um outro nome" de *Ogun*; o mesmo acontecendo entre a Nossa Senhora das Candeias e a divindade das águas, *Oxum*; entre Cosme e Damião e *Beji*; e entre São Jerônimo e *Xangô*.

Do outro lado da sala se encontra "o trono de Xangô", uma cadeira de madeira esculpida, com um travesseiro para o apoio da cabeça. Pendendo das paredes vêem-se os retratos de vários santos católicos.

No centro de um quarto pegado está "a fonte da mãe d'água", uma grande bacia de cimento contendo de vinte e cinco a trinta centímetros de água. No muro, há uma inscrição *nagô*: Ilé Awon Afonjá (Casa de Xangô).

O chefe de uma outra seita é um preto de sessenta e seis anos, de ascendência *gége*, cujo pai, avô e bisavô eram todos africanos e *pais de santo*, do que ele muito se orgulha. A irmã de sua mãe era também uma africana, mas sua mãe era uma preta brasileira, uma *mãe de santo* que "deixou o cargo" para ele. Ele foi dedicado ao mesmo *orixá* que ela, *Ogun*, e diz falar "um pouco de seis diferentes línguas africanas: *nagô*, *gége*, *igê-chá*, *queito*, *egbá* e *musurumi*". Possui "um quarto cheio" de costumes de cerimônia, um dos quais dizem ter custado seis contos de réis. Acha que sua tarefa é "fazer o bem" e recusa-se a praticar a magia negra, uma atitude que lhe tem custado "muito dinheiro", segundo dizem. (14) E' padrinho de aproximadamente cento e quinze crianças e em breve será padrinho de nove ou-

(14) Um *ogan* desta seita diz que um pai de santo em Itapoan chamado Gregório, já falecido, recusou uma vez doze contos "para fazer um homem louco". Este *ogan* conhece, entretanto, uma *mãe de santo* que, como ele diz, enralveceu-se com as observações de um jovem cético e "fez um negócio" que "o enlouqueceu em dois dias".

tras que estão na época de serem batizadas. Tem visitado o Recôncavo, especialmente Cachoeira, no exercício de seu ofício de *pai de santo* e dizem ter feito visitas iguais ao Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará, tendo em cada uma delas "feito" várias *filhas de santo* e "confirmado" *ogans*.

O *achôgun*, ou sacrificador, é um preto velho de rosto bondoso e de cabelos brancos como a neve. O chefe dos tambores, ou *alabê*, um preto sorridente cuja mãe (já falecida) foi uma *mãe de santo* na Cidade de Palha, é muito habil nos tambores, fala *nagô* e canta em voz alta, mas bastante agradável, cantigas rituais. Um *ogã* refere-se a ele orgulhosamente: "Ele sabe quasi tanto das coisas africanas como um *pai de santo*".

Uma preta velha que onda tropegamente com uma bengala, assiste a todas as cerimônias. Companheiros mais jovens arranjam-lhe carinhosamente um lugar donde ela possa ver tudo o que se passa. Curvada sobre sua bengala, arregalando seus olhos inteligentes, a face abrindo-se sempre em sorrisos alegres, ela acompanha com prazer os cantos e ocasionalmente marca o ritmo dos tambores com a bengala, parecendo apreciar intensamente todo o ritual. De vez em quando, inclinando-se para os tambores, ela fala em *nagô* em altas vozes com o *alabê*. As vezes, quando o *pai de santo* está temporariamente ausente do *barracão* ela inicia os cantos rituais. Seu nome é Ismeira e vive em uma velha casa numa parte da cidade que há tempos, segundo dizem, foi exclusivamente habitada por *nagôs*.

Quando principia a cerimônia, vinte duas *filhas de santo*, um *filho de santo*, e o *pai de santo* estão no círculo que se formou em volta da coluna central do *barracão*. Sentando no centro do círculo está um *pai de santo* em visita, chamado Vidal. Vinte e um *ogans*, incluindo visitantes de outras seitas estão à esquerda dos tambores. Nos outros lugares estão instalados duzentos e oito espectadores, dos quais cento e trinta e seis são pretos, sessenta e oito mestiços (todos escuros, com exceção de seis), quatro são "brancos da Baía". (15) Nenhum dos espectadores é branco puro. Outros duzentos, aproximadamente, movimentam-se do lado de fora do *barracão*.

Neste centro feticista existem ao todo trinta e quatro *filhas de santo*, das quais sessenta por cento têm mais de quarenta anos. As duas mais velhas têm setenta e dois, e setenta e um, anos, respectivamente; nove têm cinquenta ou mais anos. Dez têm de quarenta a cinquenta anos de idade, e sete têm de trinta a quarenta; seis, de vinte e trinta, uma de dezenove e uma de doze. Duas são casadas, treze amasiadas, duas noivas, quinze solteiras e duas viúvas. São todas de classe baixa. Treze são vendedoras ambulantes de alimentos africanos, sete são costureiras, cinco lavadeiras, cinco empregadas domésticas e uma parteira. Uma delas, a segunda em idade, cuida da casa de *candomblé*, uma é

(15) Use-se as vezes esta expressão quando se refere a pessoas quasi brancas cujos traços revelem porem certos indícios da ascendência africana.

“zeladora de santo” (16) e uma é adolescente. Treze, ou mais de um terço, vivem nas imediações do *terreiro*, dezesseis vivem de dois a dez quilômetros de distância do *candomblé*, em sete diferentes bairros, três, nas vilas de Armação e Pituba, perto da Baía, e duas outras residem no Rio de Janeiro e estão atualmente visitando parentes e amigos na Baía.

Uma *filha de santo* foi “feita” há cinquenta e oito anos, outra há cinquenta e sete. Outras três ocupem essa posição no culto há trinta anos ou mais; dez têm servido de doze a vinte e um anos; nove de seis a sete anos; seis, inclusive a menina de doze anos, de um a dois anos; duas foram “feitas” apenas há um mês, aproximadamente. Seis são dedicadas ao *orixá* do relâmpago e do trovão, *Xangô*; cinco ao *orixá* da peste, *Omolú*; quatro a divindade da caça, *Oxóssi*, e quatro ao deus da guerra e do ferro, *Ogun*. Duas outras são dedicadas a *Oxalá* “o velho”, e duas a *Oxalá* “o jovem” (ou *Oxagian*). Nove foram consagradas às *mães d’água*: quatro a *Oxun*, duas à *Yansan*, duas à *Nanan* e uma à *Yemanjá*, “o *orixá* do *calunga* (mar)”.

Os dezesseis *ogans* têm entre vinte e sessenta anos de idade, com exceção de um menino de cinco anos. O “mais velho”, com referência ao serviço de culto, foi “confirmado” há trinta e dois anos. São todas pessoas que têm um trabalho regular e de classe inferior, havendo entre eles: vendedores ambulantes, estivadores,

(16) A “zeladora de santo” cuida do *peji*, lava regularmente os fetiches e renova as oferendas de alimentos e bebidas.

um carroceiro, um funileiro, um pintor, um padeiro, um alfaiate, um linotipista. Apenas três, ou seja menos de um quinto, vivem nas imediações do *terreiro*, vivendo os demais esparsos pelos nove diferentes distritos da cidade. (17)

As dansas continuam sem desânimo durante horas até que o ar do *barracão* torna-se muito abafado e extremamente impregnado com o cheiro dos corpos suados. Seriadamente, com uma atenção extasiada, a grande multidão olha entusiasticamente nos numerosos *orixás* a medida que “chegam”. No momento da mais intensa excitação, quando a tensão quase atingiu o máximo, um foguete arrebenta repentinamente com grande estrondo do lado de fora do *barracão*. Uma mulher sentada entre os espectadores é tomada subitamente de movimentos musculares convulsivos violentos, dando pulos, com força, no banco de tábua, movendo a cabeça para a frente e para trás no ritmo quasi frenético dos tambores. O *pai de santo* corre a ampará-la para que ela não se machuque. Várias visitantes *filhas de santo* que não querem dansar neste lugar estranho e que por consequência procuram “resistir” à iminente “chegada” de seus *orixás* pedem, em tom lamurioso, uma depois da

(17) Esta dispersão no espaço é talvez uma indicação da desintegração gradual do *candomblé*. Um *ogan* observou: “Gostaria que todos os *ogans* e *filhas de santo* vivessem aqui, perto um dos outros. Seria muito melhor. Antigamente eles costumavam viver dessa maneira. Mas hoje em dia todos querem viver onde entendem, em qualquer parte da cidade.”

outra: "Dê-me água por amor de Deus!" (18) O rosto de uma empregada chamada Joana, *filha de santo* de um *candomblé* vizinho, está contraído e ela parece estar sofrendo muito. Mais tarde ela disse que seu *orixá*, *Xangô*, estava "batendo-a" e "espancando-a" para obrigá-la a dançar e que ela sentia-se mais cansada do que se tivesse dançado a noite toda. Mas, outros espectadores comentam: "Que beleza! Nunca vi *Ogun* dançar assim antes! E *Oxóssi*, e *Yemanjá*, estavam maravilhosos, estavam formidáveis!"

O teto dum outro *barracão* é adornado com flâmulas de papel vermelhas, brancas, azues e amarelas, cada uma delas se alternando com fieiras de rosas brancas de papel. A lâmpada elétrica suspensa do teto está coberta por pedaços de celofane branca e vermelha. Nas paredes estão escudos de papel brancos e vermelhos trazendo as palavras: "Louvores a *Xangô*", ou "Louvores a *Ogun*". Um pequeno nicho construído em cima da porta que leva ao *pegé* está elegantemente enfeitado com laços de papel e contem um crucifixo de cerca de vinte centímetros de altura e imagens da Virgem Maria com o Menino Jesus nos seus braços, de Santo Antônio e de São Jorge.

Formando um círculo em frente dos tambores estão vinte e duas mulheres, das quais a mais velha tem cerca de sessenta anos de idade e a mais moça oito. Quatorze são pretas, oito são mestiças, nenhuma delas

(18) Tomando um gole d'água supõe-se impedir que a divindade "entre" no corpo.

clara. Todas mostram em seu rosto uma expressão de seriedade, especialmente a menina, embora nenhuma delas pareça estar auto consciente. Seis delas são *yauôs*, ou iniciadas preparando-se para serem "feitas", e vão de quatorze a dezessete anos de idade. Duas são dedicadas a *Omanlú* (*Omólú*) e quatro a *Oxun*. As iniciadas de *Omanlú* estão vestidas principalmente com tons vermelhos. Cordões de fibra tintos de uma cor marron avermelhada vão da cabeça até abaixo dos joelhos, cobrindo completamente o rosto. Acima da cabeça os cordões levantam-se verticalmente e estão amarrados na extremidade. Debaixo de uma saia vermelha escura, aparece um pijama branco, bem justo às pernas, adornado com rendas e descendo até o tornozelo. Cada moça usa quatro fieiras de contas de búzio ao redor de cada braço nú na altura do biceps, e uma grande fieira de contas de búzio no ombro direito e em baixo do braço esquerdo.

As iniciadas de *Oxun* têm a cabeça raspada e três círculos concêntricos pintados à volta do crâneo. Círculos menores interceptam o maior dos três círculos. Grandes manchas brancas foram também feitas no rosto, pescoço e nuca. Quatro penas erectas das quais uma vermelha, uma branca, uma preta, e um marron estão presas firmemente na testa por uma fita bem justa. Cada moça leva em sua mão a insígnia do *Oxun*, um leque de latão decorado com uma estrela.

Todas as outras dansarinas, com exceção de uma estão vestidas de *baiana* com amplas saias de padrão

vivos, camisas enfeitadas com renda feita a mão, e um *pano da Costa* (19) de dois pés de comprimento amarrado apertadamente ao redor do peito. Outra mulher de cerca de trinta e cinco anos está vestida com uma roupa comum de rua composta de blusa e saia. Muitas das dansarinas usam braceletes de cobre, latão, bronze, chumbo ou contas de vidro, muitas vezes nos dois pulsos e ocasionalmente três ou quatro por braço. Uma das dansarinas tem cinco fieiras de búzios ao redor do pescoço.

A sacerdotiza do centro é uma preta gorda de quarenta e um anos de idade que oficia nesta seita há vinte e quatro anos. Orgulhosamente ela diz ser "neta de um africano".

Todas as dansas principiam pela saudação da *mãe de santo* que é feita batendo fortemente o *agôgô*. Imediatamente os tambores dão o ritmo. As *filhas de santo* começam a dansar em círculo, girando como o aro duma roda, da direita para a esquerda. As mulheres têm as mãos unidas atrás das costas, seus ombros curvam-se para trás e para a frente, seus corpos dobram-se na cintura de um lado para outro. Uma das iniciadas de *Ogun* move-se com movimentos bruscos e sincopados, subitamente gira dando uma volta completa. Todas as dansarinas cantam um estribilho mais ou menos assim: "O-mí-á, bá-tû-lê". Depois de cerca de vinte minutos de dança contínua, uma das *filhas de santo* torna-se repentinamente "possessa", seus olhos se fecham, sua expres-

(19) Veja nota número 12.

são torna-se ausente, os músculos do pescoço e dos ombros agitam-se convulsivamente para frente e para trás no ritmo da música. O controle voluntário parece ausente e ela é ajudada por toda a volta pela dansarina que lhe vem atrás. Quando a música temporariamente cessa ela se abandona, cambaleia e parece em perigo iminente de cair. Várias *filhas de santo* correm para segurá-la e ampará-la.

Mais uma vez a *mãe de santo* bate o *agôgô*, o chefe dos tambores dá o ritmo e canta um estribilho ao qual aderem todas as dansarinas batendo palmas, acompanhando a cadência da música. O compasso torna-se mais apressado. As dansarinas, enquanto giram no círculo curvam as cabeças, flexionam os joelhos, tocam o solo com a mão direita, depois levantam-se rapidamente, todas em perfeito compasso com a música. Uma preta idosa que surge de um quarto adjacente, sacudindo vigorosamente um *caxixi*, adere à dansa. Com grande estrondo os foguetes estouram fora do *barracão*. A pipoca é trazida e atirada nas dansarinas. Os olhos das iniciadas, as quais também fizeram parte do círculo das dansarinas, estão fechados e assim permanecem durante toda a cerimônia. Os ombros de uma delas sacodem-se espasmódicamente, sua cabeça pende molemente e precisa ser amparada pelas outras dansarinas.

Mais uma vez forma-se o círculo e as *filhas de santo* cantando o mais alto que podem cambaleiam em um movimento semi-trôpego, com os braços flexionados nos cotovelos, levantando-os e abaixando-os. Um *ogan* diz

que esta dança é chamada *opanigé*. Uns momentos mais tarde, uma *filha de santo* de cerca de quarenta e cinco anos de idade estende-se subitamente no chão apoiada nas mãos e nos pés, as pernas bem distendidas, repentinamente toca o chão com a testa em frente aos tambores, grita "Ei-î-î", salta em pé, atira-se para a frente espasmodicamente, depois repete a exibição. Aparece uma moça no círculo trazendo um turbante cor de rosa e dourado e tendo na mão direita uma adaga de latão de quarenta e cinco centímetros de comprimento. Com os olhos fechados dá início a uma dança violenta golpeando com a adaga para a esquerda e para a direita. O compasso dos tambores se acelera. Uma outra *filha de santo*, uma preta grande e agil, finge que bate com a mão na moça e as duas dançam fingindo brigar, enquanto que o bater dos tambores torna-se ainda mais rápido e tumultuoso até que as dansarinas se acercam de um modo tal que um atrito parece inevitável, quando outras *filhas de santo*, avançando rapidamente, seguram as duas mulheres pela cintura e separam-nas, enquanto que a música retarda o compasso.

Todas as *filhas de santo* começam a dançar novamente, atirando os braços de um lado para outro, o dedo indicador da mão direita comprimindo o polegar da esquerda. A dança é muito animada. Repentinamente, uma das *filhas de santo*, os ombros sacudindo violentamente para frente e para trás, começa a se ajoelhar e abaixando gradualmente seus ombros agitados até o solo, vira de costas, conservando sempre o dedo

indicador da mão direita firmemente em contacto com o polegar da esquerda. Ela então levanta-se vagarosamente, põe-se em pé e reúne-se novamente às outras *filhas de santo*. Um dos ogans diz que esta dança é conhecida como "ecú".

As dansas continuam, foguetes estouram lá fora, confetis e pétalas de flores são atiradas nas iniciadas e pelas invocações insistentes dos tambores e pelos cantos cheios de vivacidade das *filhas de santo*, muitos *orixás* "chegam" e "tomam posse" de seus intermediários humanos.

A função social primária que o *candomblé* parece ter é a de reforçar, por meio de experiências coletivas de rituais e cerimônias aquelas atitudes e sentimentos que distinguem os africanos e seus descendentes da população européia e da maior parte dos mestiços. Promovendo um certa solidariedade e consciência de grupo, tende a tornar mais lento o processo de aculturação. Ao mesmo tempo as experiências do culto tendem a satisfazer as necessidades humanas básicas de "correspondência" e de "consideração". (20) A solução de

(20) Veja W. I. Thomas, *The Unadjusted Girl* (Boston, 1924), pp. 4-39. Thomas diz: "O desejo de consideração se expressa nos meios de assegurar distinção aos olhos do público. Seria muito trabalho enumerar todos os diferentes modos de assegurar consideração. Uma tal enumeração incluiria o comportamento corajoso, a vaidade de ornamento e vestuário, a pompa dos reis, a exibição de opiniões e de conhecimento, a posse de dotes especiais — nas artes, por exemplo. Não houve talvez estímulo nenhum para a atividade humana tão forte, nem motivo tão ingenuamente confessado do que o desejo de "fama imor-

várias espécies de problemas pessoais por meio de conselhos e recomendações do sacerdote, ou sacerdotiza ou *orixá* "se manifestando", alivia a tensão pessoal. E as animadoras afirmações a respeito do destino fornecidas pelo corpo das crenças religiosas, especialmente em momentos de crise, como pela morte de um íntimo amigo ou parente, contribuem para a necessidade aparentemente universal de um sentido de segurança. Além disso, todo o corpo da experiência de culto serve como um meio poderoso de manter o moral do grupo e reforçar suas sanções. O caráter genuinamente sadio do *candomblé* da Baía, à exceção talvez de alguns centros *caboclos* recém-organizados, contrasta patentemente com a desorganização pessoal que, segundo dizem, caracteriza a *macumba* do Rio de Janeiro, hoje em tal estado de desintegração que práticas viciadas já constam do ritual.

A Igreja Católica na Baía usando de uma paciência e de um tacto quasi infinitos, conseguiu incorporar à sua organização todos os membros do culto fetichista. Mesmo os chefes das seitas assistem à missa regularmente e às vezes participam, juntamente com todo o pessoal de seu *candomblé*, de funções especiais da Igre-

redoura." Seria difícil avaliar o papel que representou o desejo de consideração na criação dos valores sociais.

"O desejo de correspondência é um anseio não pelo reconhecimento do grande público, mas pela mais íntima apreciação de indivíduos. Está exemplificado no amor materno (o tacto representa neste caso um papel importante), no amor romântico, na afeição de família, e em outras ligações pessoais. São expressões deste desejo a nostalgia. No assegurar correspondência usam-se muitos meios também usados na procura da consideração."

ja. Assim todos os anos, em uma dada época, a mãe de *santo* Aninha leva suas filhas de *santo* vestidas com suas vestimentas de *baiana*, e seus *organs* para assistirem missa na Igreja do Bomfim; a mesma cousa faz Sabina, a mãe de *santo caboclo*, na Igreja de S. Antônio da Barra. Aninha, como muitos outros leders do culto é membro duma Irmandade. Esta identificação da tradição fetichista com a católica atingiu um ponto tal, que a mentalidade simples dos membros do culto faz pequena distinção entre elas. Assim, o destacado pai de *santo* de uma seita *congo* observou recentemente: "Eu faço tudo (isto é, ele executa todos os rituais e cerimônias do culto) em nome da Igreja." (21)

No 50.º aniversário da morte do pai de um conhecido e respeitado *babalaô*, uma missa comemorativa especial foi celebrada em uma das igrejas principais da cidade. Durante a cerimônia, ao redor do círculo de frades que com velas acesas rodeavam o catafalco, formou-se um outro círculo de negros trazendo cada um uma tocha fúnebre. Embora os frades provavelmente não soubessem do fato, os pretos eram todos *ogans* do *candomblé* da mãe de *santo* Aninha. Na assistência estavam mais de cem personagens importantes do mundo fetichista, incluindo *babalaôs*, pais e mães de *santo*, *ogans* e filhas de *santo*. O *babalaô* cujo pai era assim honrado disse: "Ontem no *terreiro* dansamos durante toda noite as dansas fúnebres africanas para meu pai".

(21) E' claro que este ponto de vista não é o de Igreja Católica.

Vários dos *orixás* africanos mais importantes chegaram a se identificar, na mentalidade dos membros do culto, com certos santos católicos. Assim, *Ogun*, o *orixá* da guerra e ferro é agora identificado com Sto. Antônio; *Oxóssi*, o *orixá* da caça, com S. Jorge; *Oxalá*, que para maior parte dos membros do *candomblé* é "o maior de todos os *orixás*", com o Senhor do Bomfim que é, pelo menos entre as classes mais baixas, o padroeiro da Baía; (22) *Omolú*, o *orixá* da peste, com S. Roque, ou em alguns casos, com S. Bento; e *Exú*, com o diabo. Das *mães dágua*, *Yemanjá* é confundida algumas vezes com N. Senhora da Piedade e outras com N. Senhora do Rosário; *Oxúm*, em alguns casos, com N. Senhora das Candeias e em outros, com N. Senhora da Conceição; *Yansan*, com Sta. Bárbara e *Nanan* (*Anamburucú*, *Nanamburucú*) com N. Senhora de Sant'Ana. *Beji*, os gêmeos, são identificados com Cosme e Damião; *Irôkô* (*Rôkô*, *Lôkô*) que se presume habitar as gameleiras, com S. Francisco de Assis; (23) e *Ifá*, o *orixá* da adivinhação, com o Santíssimo Sacramento. Mesmo *Xan-*

(22) Na Igreja do Bomfim, que com seus dois renques de palmeiras reais dominando sua entrada, ocupa magestosamente o cimo de uma colina em Itapagipe, existe uma sala especial cujos muros e teto estão completamente recobertos com fotografias ou moldes de gesso de membros deformados ou doentes ou de outras partes do corpo que, segundo se julga, foram milagrosamente curadas da doença ou outras enfermidades, pela intervenção direta do Senhor do Bomfim. Sua reputação para curas é tão grande que milhares de pessoas vêm de muitos quilômetros de distância visitar este santuário todos os anos.

(23) Edison Carneiro, *Religiões Negras* (Rio, 1936), p. 155.

gô, o *orixá* do relâmpago e do trovão, a quem Edison Carneiro se refere como "indiscutivelmente o mais africano de todos os *orixás* adorados na Baía (24) e que ainda é julgado por alguns negros como sendo distinto de todos os santos católicos, é adorado em várias das mais representativas seitas de *gêgê-nagô* sob o nome de S. Jerônimo e ocasionalmente de Sta. Bárbara.

As condições que favorecem a fusão neste último caso não são difíceis de compreender. No folclore portuguesa, Sta. Bárbara é considerada como protetora contra o raio, uma concepção que provavelmente facilitou a identificação, na mentalidade dos negros, de Sta. Bárbara com *Xangô* que é na tradição africana "o *orixá* dos raios". A fusão neste caso, como noutros teria sido ajudada pela concepção comum de que cada divindade africana é tanto um protetor como um destruidor; um protetor bondoso quando se lhe dedicam os ritos especiais, e um destruidor vingativo se seus ritos e tabús forem desprezados.

Embora esta fusão se processe rapidamente, ainda está longe de ser completa. Um certo número de *orixás* *gêgê-nagôs* e *congô-angolas* e pelo menos trinta das divindades *de caboclo* ainda não foram de qualquer maneira identificados a equivalentes católicos.

Ocasionalmente, a atitude de crítica dos membros do mundo fetichista para com as práticas não ortodoxas de outras seitas, estende-se também à incorporação dos ritos, idéias e sentimentos católicos nas práticas e cren-

(24) *Ibid*, pp. 153-4.

ças fetichistas. Um *babalaô* e feiticeiro, nascido na África, de escravos brasileiros repatriados, disse recentemente: "Estes *candomblés* baianos não são mais africanos. Todos eles vão a missa, rezam o rosário e acendem velas aos santos. Já está muito misturada."

A história seguinte contada por um preto baiano (25) exemplifica a fusão das tradições européias e africanas. Relata algumas das experiências de *Obaluaiê* (*Abaláuaiê*) e *Omolú*, também conhecido na Baía como *Xapanan* (*Xapanã*), e é claramente confundida com as histórias bíblicas do Filho Pródigo e de Lázaro. Menciona também uma cidade européia.

XAPANÃ (PAI E FILHO)

"Tinha Xapanã quinze anos quando os pais expulsaram-no de casa. Saiu então pelo mundo procurando um gesto de vida. Muito andou até que deu numa cidade chamada Venezas, aonde começou a procurar emprego. Ninguém quis lhe atender. Achando-se com fome aproximou-se de uma casa e pediu uma esmola. E ainda dessa vez não foi atendido.

Desiludido, Xapanã continua sua marcha até chegar numa mata virgem onde ficou comendo folhas e bichos.

Quando completou dezenove anos deu na cabeça de voltar para casa paterna. Aprontou-se e seguiu o

(25) Reproduzido aqui por gentileza de Reginaldo Guimarães.

seu caminho. Andou, andou, até que um dia, ao cair da tarde, todo ferido, se aproximou de casa.

O pai que o avistara de longe não quis, de forma alguma, recebê-lo.

Compungida, com a sorte do filho, sua mãe pediu e rogou ao marido que tivesse compaixão e o reconhecesse como seu filho legítimo.

Vira-se o velho e diz:

— Este não é meu filho porque nunca tive filho ferido algum.

Finalmente, devido aos rogos da mulher, o ancião indaga o nome dele. E Xapanã responde:

— Chamo-me Lázaro.

— Quem é Lázaro? interroga ainda o pai.

Xapanã diz então:

— Sou aquele que Deus permitiu usar esse nome.

O velho, ranzinza, ainda insiste perguntando o motivo porque usava aquele nome.

Ele volta-se para o pai, e, com toda paciência, exclama:

— Eu me chamo Xapanã, o dono das pestes do mundo inteiro. E canta um *kêtu*:

Fala *guedé*

Eu me chamo *Obaluaiê*

Chamo *guedé*

Eu me chamo *Obaluaiê*

Tôô.

Responde então o velho Omolú:

Ojé badô

Dó lá.

E ainda canta o moço:

Ojé di apá.

Dessa forma os dois se entendem e Xapanã velho reconhece Xapaná moço".

Alguns brancos, mesmo das classes superiores, visitam o *pai de santo* para pedir conselhos a respeito de negócios, política e de outras questões ou ajuda na cura e prevenção de moléstias. Numerosas famílias "de boa sociedade" "dão comida" (oferecem alimentos, especialmente *carurú*) à Beji (Cosme e Damião) e festejam o dia que lhes é consagrado. Alguns, em determinadas ocasiões fazem presente à *mãe dágua*. Casos como o da mulher de um antigo senador estadual e chefe político que tinha em sua casa um altar a um *orixá* africano não são, entretanto, numerosos.

Dos sessenta e seis estudantes da Escola Normal que se têm em conta de brancos, respondendo a pergunta: "Os membros de sua família dão presentes à *mãe dágua*?", sete ou 10,6% responderam pela afirmativa. Entre os trinta e seis pardos, as famílias de nove, ou 25%, também faziam essas oferendas. De sessenta e três brancos, 29, ou 46%, julgavam que havia razão para se temer o *bozó* (magia negra); (26) o mes-

(26) O *bozó* inclui quasi sempre uma galinha morta, milho pipoca, farinha de mandioca com azeite dendê, moedas de níquel ou cobre, certos alimentos africanos tais como *acassá*, *aberém* e *acarajé* e, se possível, os frutos africanos *obí* e *orobô*, de significados ritualísticos.

mo acontecendo com doze, ou 37%, dos pardos e com todos os seis pretos que responderam a essa pergunta. De sessenta e três brancos, apenas um considerava como verdadeira a seguinte afirmação: "Um *pai de santo* é mais util do que um médico durante uma doença; mas, nove, ou 14%, consideravam-na como "parcialmente verdadeira"; e de trinta e dois pardos, dois acreditavam que a afirmação era verdadeira e sete, ou 22%, julgavam-na "parcialmente verdadeira". De 197 estudantes da Escola Normal e da Faculdade de Direito, as famílias de 25, ou 13 por cento, "dão comida" a Cosme e Damião.

Mas, as atitudes comuns que os habitantes de origem européia assumem para com o *candomblé* vão desde a tolerância benevolente, que é a mais característica, passando pela indiferença, que é comum, até a oposição ativa que é relativamente rara, embora de tempos em tempos, queixas como as seguintes cheguem até os jornais.

Na "A Tarde" de 8 de maio de 1936, apareceu um comentário sob o título:

"MACUMBAS" PERIGOSAS

"Conquanto seja educação a mais segura medida para extirpar costumes nocivos, quando estes se prendem a credices ligadas ao fetichismo africano, tão cheio de práticas lúgubres e atentatórias da integridade moral e física dos indivíduos, faz-se mister uma repressão de

efeitos imediatos e esta não pode ser outra senão a ação policial, exercida com energia e persistência”.

E na “A Tarde” de 9 de dezembro de 1935 apareceu a seguinte queixa:

A CIDADE QUE DEUS ESQUECEU

“Aspectos que Desolam e Deprimem — Os Candomblés “Resurgem” — “Despachos” nas Vias Públicas mais Centrais.

“Parece título de uma fita cinematográfica. Mas não é. A nossa Capital é bem uma cidade que Deus esqueceu... O reporter... foi anotando na carteira, aspectos curiosos que depõem contra os nossos foros de civilização.

“São cousas pequeninas que... ficam para os olhos não só dos que vivem aqui, como dos que chegam de fora.

“A Baía já teve foros de ser a cidade dos candomblés. Paraizo da macumba. Estes, porem, localizavam-se em zonas afastadas, onde os adeptos de Oxalá e Yemanjá, faziam soar os seus atabaques e caíam no santo. Agora, eles vão dominando as ruas mais movimentadas e ocupam logares habitados por famílias, para a prática do culto negro.

“No arrabalde da Barra, bairro elegante e aristocrático, o reporter verificou isso na noite de domingo e em outras noites.

“Alí está situada a rua Grenfeld bem perto da Avenida Oceânica. Pois bem, nessa rua funciona um candomblé de todos os demônios.

“Felizmente, não há zoadas de atabaques. Estes são substituídos pelas palmas, que soam sem cessar, até o dia amanhecer.

“E quando alguém lembra de fazer uma reclamação, o “pai de santo” afirma certo de que nada lhe acontece, que tirou licença e continuará batendo até rachar.

“Foi outro dia, bem defronte do Tesouro do Estado, pela manhã. Local frequentadíssimo aquele. O “camarada” porem não estava ligando. Largou o “despacho”, que ficou exposto à curiosidade dos que passavam.

“Uma galinha preta, três moedas de cobre, farófia amarela, uma boneca de pano espetada de alfinetes, uma camisa de homem, acaças e outras bugigangas.

“Até o meio dia, a coisa esteve ali. E isso é cousa comum. Mas francamente deploravel! Que no coração da cidade, alí tão perto da Rua Chile se faça despachos a Exú, é o cúmulo!”

E no mesmo jornal algum tempo mais tarde (10 de junho de 1937, apareceu esta queixa:

ESPECIALISTAS EM “DESPACHOS” ESPORTIVOS

“Manoelzinho Macumbeiro” é o pior Inimigo da
“Limpeza Pública”

“Aboletou-se há pouco tempo em uma roça da Estrada da Cruz do Cosme n. 256, um macumbeiro conhe-

cido por Manoelzinho, cujos "despachos" vêm dando lugar a repetidas reclamações dos moradores e transeuntes daquela estrada.

"Um pouco abaixo da roça, na margem mesmo da estrada, há um pé de "loco", árvore preferida para as práticas fetichistas, onde os tais "bozós" se acumulam de dia para dia, num montão de imundícies, entre as quais avultam inúmeras aves mortas.

"Ao que nos informam, o referido Manoelzinho, pai de santo prestigioso e afamado, é especialista em "despachos" esportivos, pois entre os que lá estão, alguns são "alvi-rubros", "rubros-negros" e "tricolores". Um guarda civil nos últimos dias, véspera de um grande jogo na Graça, vislumbrou num dos "bozós" as iniciais "T. V.", que coincidem com as de conhecido esportista.

"Na Estrada da Cruz do Cosme nunca andou a Limpeza Pública, de sorte que os "bozós" ficam a empestar o ambiente, obrigando os que passam a levar o lenço ao nariz.

"Providências a quem? Quem dará um geitinho nisso?"

Entretanto, de um modo mais característico, o baiano identificado com os costumes e tradições europeus, mostra para com o *candomblé* uma atitude de tolerância. Embora considerando o *candomblé* como "fetichismo ignorante", usualmente aceita-o como uma instituição africana que, nas palavras de um estudante da Faculdade de Direito, "desaparecerá gradualmente com a evolução social". "A educação acabará com isso. E'

apenas uma questão de tempo", disse um estudante da Faculdade de Medicina. Uns poucos intelectuais, indivíduos que se desligam da Igreja Católica, acreditam que o *candomblé* tem os mesmos direitos e privilégios que qualquer outra religião. Um deles observou: "Devemos fazer com que o governo dê ao *candomblé* um justo tratamento".

Em verdade, entre esses baianos identificados com a cultura européia tendem os brancos a se mostrar mais tolerantes do que os pretos ou os mestiços para com o *candomblé*. Esses pretos e mestiços procuram subir de classe e naturalmente fazem todos os esforços para se dissociarem eles próprios daquilo comumente considerado como característico da classe baixa. De 66 estudantes brancos que responderam na Escola Normal à pergunta, "Pensa que o *candomblé* deve ser combatido?", 22, ou um terço, disseram "Não"; ao passo que somente uma resposta foi negativa entre os 22 pardos. Dos 5 pretos, 4 responderam, "Sim".

Em vista do constante desprezo, embora sob uma forma tolerante, mostrado por pessoas de maior prestígio da parte européia da população e por instituições tais como a igreja, a escola, o jornal, etc., a maior parte dos jovens negros tende atualmente a abandonar o *candomblé* e o corpo de idéias e sentimentos a ele identificados e a considerar esses costumes e tradições como provas de "ignorância", de "atrazo" e de um "desenvolvimento mental retardado". Os velhos chefes do culto muitas vezes se queixam, como o fez Maria Bádá uma

vez: "O *candomblé* não é mais o que era. Os jovens de hoje não aprendem *nagô*, não sabem como celebrar os rituais e o que é pior, não querem aprender". A mãe de santo Aninha observou uma vez: "Hoje em dia, esses jovens se estraviam demais".

João é um jovem preto de cerca de vinte anos que completou há pouco um curso comercial depois de se ter formado pelo Ginásio da Baía, a escola secundária oficial da cidade. Um dia, na casa de seu tio, que é uma figura de destaque no mundo fetichista, João estava copiando uma página em *nagô*. Dedicando uma grande afeição a seu tio e sendo caracteristicamente amável e cortez, ele tentava aprender algumas palavras dessa língua africana. Mas a impressão que João causou a uma visita foi que seus esforços no *nagô* provinham mais de um desejo de agradar o tio do que de um genuíno interesse pela própria língua. João observou, desculpando-se: "O senhor sabe, eu gostaria de aprendê-lo, mas não tenho tempo, trabalhando todo o dia, como estou".

Uma mulata que completou dois anos de escola secundária observou: "Eu não me importo muito com o *candomblé*, exceto para assistir as dansas e ver os trajos de festa. Raras vezes vou as cerimônias e somente quando tenho alguma razão especial. Gosto mais do cinema, especialmente dos filmes norte-americanos e ingleses." Ela observou ainda: "Meu tio não acredita neste negócio de *orixá*. Um dia sua filha — minha

prima — disse que sentia que um *orixá* estava para "chegar". Ela correu para o *candomblé*, começou a dansar e chegou mesmo a "cair" no "estado de santo". Mas meu tio não queria saber disso. Tomou um galho de urtiga e fustigou-a e depois foi e deu no pai de santo também. No dia seguinte, minha prima não suportava que alguém a tocasse, tão machucada estava. Mas isso foi o fim do tal *orixá*. Ele nunca mais voltou".

José é um jovem mulato de vinte e dois anos que está empregado como servente em uma instituição na Baía. Embora conheça três seitas fetichistas perto de sua residência, uma em Pau Miudo, outra na Cidade de Palha e outra na Cruz do Cosme, ele não se interessa por elas; entretanto mostra um interesse absorvente pelo cinema, possui um enorme album que contém agora mais de cento e cinquenta fotografias de atores e artistas, e pode com facilidade nomear quasi todos os filmes, em que cada um desses artistas representou durante os últimos três ou quatro anos. (27)

O seguinte relato de um jovem ginasião, mulato, cuja atitude para com o *candomblé* é um tanto cética

(27) Por exemplo, José nomeou cinco filmes em que Patrícia Ellis tomou parte. Sua artista favorita era Shirley Temple, vindo depois em ordem, Lillian Harvey, Joe Brown, Maurice Chevalier, e Laurel e Hardy. Além desses, ele gosta de Raul Roulien, Dolores del Rio, James Cagney, Lyle Talbot, Kay Francis, Dick Powell, Eddie Cantor, Clara Bow, Jeanette MacDonald, George O'Brien, Fred Astaire, John Boles, George Brent, Richard Talmage, José Mojica, Jan Klepura, Adolphe Menjou, Pat O'Brien, Chester Morris, Buster Crabbe, Charlie Chaplin, Lee Tracy, Gary Cooper, Ramon Navarro, George Bancroft, Johnny Mack

apezar de seu pai ser um destacado *ogán* em uma das seitas, executando mesmo o ritual do sacrifício, quando o velho *achôgan* está doente, mostra a dificuldade que os chefes do *candomblé* encontram várias vezes para impor as sanções do culto:

“Quando meu pai disse que se devia fazer algumas reformas no *terreiro*, Pedro (um joven *ogán*) não mostrou o respeito devido. Disse que o *terreiro* estava assim quando ele foi “confirmado” e que agora ainda estava muito bom. Ele usou “você” ao falar com meu pai, embora fosse muito “mais jovem”. E disse que meu pai estava mentindo. Quando soube disso, procurei Pedro e disse-lhe que ele não tinha tratado bem meu pai, e quando ele começou a dizer bobagens, eu bati-lhe. *Pai Procópio* então me procurou. Eu lhe disse então que não acreditava em nada do que ele fazia, que não tinha medo da *mandinga* dele, que Pedro tinha maltratado meu pai e que eu não queria mais saber dele, nem de todo seu maldito *candomblé*”.

Como um branco baiano disse: “Quando um preto põe gravata e sapato e aprende a ler e a escrever, perde o interesse pelo *candomblé*. Existem realmente duas civilizações na Baía, a nossa e a africana. Quando

Brown, Alice Faye, Olivia de Haviland, e Ken Maynard. José não se importa com Buck Jones, o que não acontece com muitos dos seus amigos. Também não gosta de Lionel Barrymore, Douglas Fairbanks Jr., Richard Arlen, Ronald Colman ou Gordon Westcott. Paul Muni, ele diz ser “apenas regular”.

um preto começa a tomar a sério os nossos costumes, ele raramente perde mais seu tempo nos *candomblés*”. Um mulato, educador de destaque, observou: “Nunca assisti ao culto feticista. Não tenho interesse nisso”. Um empregado negro admitiu que costumava a assistir a essas cerimônias, “mas não vou mais, agora abandonei tudo isso”. Um moço, sobrinho de um destacado *babalaó*, disse: “Todas essas crendices devem desaparecer. E’ sinal de gente atrasada. Já desapareceu mesmo na África. Os ingleses foram para Lagos e levaram a civilização moderna. Somente na Baía é que esses velhos costumes ainda perduram”.

Um indício da desintegração do mundo feticista é o ciúme contínuo e, às vezes, agudo entre os chefes e membros de seus centros mais ortodoxos. Em uma dada seita pode-se ouvir muito mexerico a respeito das práticas dum outro centro. Acusam-nos de abandonar a “verdadeira” tradição africana e de interpretar imprópriamente as experiências místicas. Naturalmente, a medida que decresce o número de africanos, aumenta a competição entre as seitas para o aliciamento de seus membros.

Entre os negros que ainda se identificam com o culto, o passado tende a ser romantizado e o prestígio dos “velhos africanos” como *Bambuxé*, *Adeta*, *Iyalode Erelu* e outros aumenta constantemente. Do mesmo modo, o prestígio das figuras mais velhas do culto que

ainda vivem, o *babalaô* Martiniano, a mãe de santo Aninha, (22) e a velha Maria Bádá, por exemplo, repre-

(28) Desde que isto foi escrito, a mãe de santo Aninha morreu e o centro onde ela oficiava está sofrendo uma desintegração, segundo consta. Entretanto, ela era tão conhecida e respeitada que seu cortejo fúnebre interrompeu todo o tráfego na Baixa dos Sapateiros por um tempo considerável. O Estado da Baía (5 de Janeiro de 1938) disse:

"Os aficionados das seitas africanas sofreram uma grande perda com o falecimento ante-ontem da mais popular Mãe de Santo da Baía — d. Eugênia Ana dos Santos.

Aninha, como era conhecida, era filha de santo do candomblé do Engenho Velho, — o mais antigo do Brasil, — hoje dirigido por d. Maximiana Maria da Conceição. Filha do Engenho Velho, Aninha nunca tentou, sequer, menosprezar a casa de onde saíra. E, apesar de ser o seu próprio "terreiro" mais rico, mais concorrido e mais belo do que o da linha do Rio Vermelho, Aninha sempre reconheceu ao Engenho Velho a supremacia espiritual dos candomblés da Baía e, portanto, do Brasil.

Alí, na "roça" de São Gonçalo se observava, na sua maior pureza, o culto nagô aos deuses africanos.

A grande figura soberana de Aninha, a frente dos festejos dos "orixás" emprestava-lhes um brilho singular.

Uma estranha impressão de confiança se apoderava, imediatamente, dos que a viam na direção suprema das festas do Axé. Vestida à moda da Costa dos Escravos, os braços chelos de pulseiras, os cabelos sob a caifa branca, a sua autoridade era incontestável e incontestada. De uma lucidez sem par, não perdia nada do que se passava a sua volta. Sempre amável com todos, sempre atenciosa, já não surpreendiam, na sua boca, as grandes e belas palavras que, nas oportunidades especiais que se apresentavam, saíam dos seus lábios sempre prontos para abençoar e para consolar. Era um grande e luminoso espírito.

O candomblé de Aninha — o Aché de Opô Afonjá — foi dos primeiros a tentar uma sociedade de "Ogans" e filhas de santo, reunindo-os em torno da prestigiosa mãe de santo. Formava-a o Centro Cruz Santa, sob a presidência de honra de Aninha. Alí se encontravam alguns dos melhores elementos dos candomblés da cidade. Os es-

forços de todos convergiam no sentido de fazer do Aché o grande centro da religião africana na Baía.

No dia 10 de Outubro de 1937, com a presença de altas autoridades do Estado, o então prefeito Bezerra Lopes lançou a pedra fundamental do novo Aché de Opô Afonjá, em substituição ao antigo "terreiro". Este novo Aché, todo em cimento armado, já se acha em grande parte construído, graças à ação infatigável de Aninha e dos "ogans" do Centro Cruz Santa.

Aninha era sacerdotiza de Xangô, em cuja honra se elevava, aliás, o Aché de Opô Afonjá.

Nesse culto diário ao grande deus do raio e do trovão, ela não tinha rivais na Baía nem no Brasil. No ano passado, realizou ela no Aché, a cerimônia da posse dos "ministros de Xangô", belo ato religioso yorubá, de há muito esquecido e até mesmo ignorado na Baía.

A sombra do grande Orixá protegia o seu "terreiro", aberto a todas as dores humanas, acolhedor e amigo.

Ante-ontem, às 3 da tarde, Aninha deixava de existir, entre o pranto inconsolável de todos os que ela amava e que a amavam, na sua roça de S. Gonçalo. O seu corpo foi transportado, em automóvel, para a Igreja do Rosário na Pelourinho, onde ficou exposto à visita pública.

Ontem às treze horas daquela igreja partiu o cortejo fúnebre para o quadro da Irmandade de São Benedito, no cemitério da Quinta dos Lázaros, onde descansou, afinal, em cova rasa, segundo o seu pedido.

O acompanhamento funerário da estimada mãe de santo foi um dos maiores vistos na Baía lembrando o de Pae Adão em Recife. Mais de duas mil pessoas estavam presentes. Também a acompanharam os irmãos do Rosário, envergando o hábito. Sobre o caixão modesto, que foi o único que ela quiz, via-se o hábito da Irmandade, que ela tanto prestigiara. Conduzido nos ombros pelos irmãos de Nossa Senhora do Rosário e de S. Benedito, foi o corpo de Aninha levado a pé pela multidão, paralisando o tráfego por mais de meia hora na Rua Dr. Seabra. Filhas de santo choravam copiosamente. Outras comentavam as virtudes da bondosa Aninha.

Os atabaques roncavam quando o caixão, carregado por mãos piedosas, entrava na porta larga do cemitério, en-

sentando todos eles a tradição africana em sua forma "mais pura", é muito grande em todo o mundo fetichista. (29)

quanto se ouviam vozes plangentes cantando os cânticos africanos da seita a que pertencia a ilustre mãe de santo.

E na capela do cemitério o cônego Assis Curvello fez a encomendação de seu corpo seguindo-se o seu sepultamento na cova recém-aberta.

Nesta ocasião falaram vários oradores, entre estes o sr. Alvaro Mac-Dowell de Oliveira em nome da União das Seitas Afro-Brasileiras da Baía, o escritor Edison Carneiro, além de representantes do Centro Cruz Santa e da Irmandade de Rosário. Por fim terminada a cerimônia, duas marinettis levaram grande número de amigos de Aninha para São Gonçalo, afim de tomar parte nas cerimônias fúnebres preparatórias do "axêxê" da querida mãe de santo.

Sete dias após a morte do chefe do terreiro de Aché de Opô Afonjá haveria no seu terreiro de São Gonçalo do Retiro a cerimônia do "Axêxê". Esta cerimônia consiste nos ritos funerários pelo descanso eterno da falecida mãe de santo à semelhança das missas de sétimo dia da religião católica.

Nesta reunião tomam parte todos os "ogans", "filhas" e "paes" quando de reza então pela falecida apagando os seus passos no terreiro.

Finalmente no sétimo dia realiza-se o "cerrum" com cânticos fúnebres da seita a que pertencia, encerrando-se deste modo as últimas homenagens."

- (29) Para mais detalhes sobre o culto fetichista e as atitudes para com ele, veja, além das obras já citadas: Nina Rodrigues, *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* (Rio, 1935); Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro* (2.^a ed., São Paulo, 1939); *O Folk-lore Negro no Brasil* (Rio, 1935), *Culturas Negras no Novo Mundo* (Rio, 1937), Quinta Parte, "Brasil", pp. 281-371, "O Negro e o Folk-lore Cristão do Brasil", *Revista do Arquivo Municipal, São Paulo XLVII* (Maio, 1938), 47-78; Edison Carneiro, *Negros Bantus* (Rio, 1937); "O Mito das Águas", *Estado da Baía*, 19 de Junho de 1936, e "Culto da Natureza entre os Negros Bantus", *ibid.*, 26 de Outubro de 1936; Martiniano do Bomfim, "Os

Ministros de Xangô", *ibid.*, 19 de Maio de 1937; Corypheu de Azevedo Marques, "O Mundo Cheio de Mistérios dos Espíritos e "Paes de Santo", *ibid.*, 11 de Maio e 14 de Maio de 1936; Gustavo Barroso, "Nas Baixas Esferas do Fetichismo", *Diário da Baía*, 10 de Janeiro de 1929, "Quando São os Atabaques", *A Tarde*, Baía, 20 de Setembro de 1928; "Em Plena Macumba", *ibid.*, 22 de Março de 1929; "Um Candomblé é Varejado", *ibid.*, 19 de Abril de 1932; Padre Etienne Ignace Brasil, "Le Fetichisme des Negres du Brésil", *Anthropos*, III (1908), 881-904; Gonçalves Fernandes, *Xangôs do Nordeste* (Rio, 1937); e as novelas: Xavier Marques, *O Feiticeiro* (Baía, 1922), e Jorge Amado, *Jubiabá* (Rio, 1935). Dados interessantes podem ser obtidos também dos jornais, por exemplo: "Presente para a Rainha de Mar nas Cabeceiras da Ponte", *Estado da Baía*, 23 de Setembro de 1936; "Era a Mãe Popular "Mãe de Santo" da Baía", *ibid.*, 5 de Janeiro de 1938; "Criado o Conselho Africano da Baía", *ibid.*, 4 de Agosto de 1937; "O Candomblé da Favela não Deixa Ninguém Dormir", *ibid.*, 7 de Novembro de 1936; "O Mundo Religioso do Negro da Baía", *ibid.*, 7 de Agosto de 1936; "Rio Vermelho, Saveiros, Atabaques, Batucadas, Mãe d'Água", *A Tarde*, Baía, 3 de Fevereiro de 1938; "A Mãe d'Água Não Quiz o Presente", *ibid.*, 11 de Fevereiro de 1928; "Curiosidades da "Pedra da Mãe d'Água" em Monte Serrat", *O Imparcial*, Baía, 11 de Agosto de 1932; "Candomblé", *Diário de Notícias*, Baía, 5 e 6 de Outubro de 1896; "Por Via de Feitiçaria", *ibid.*, 4 de Julho de 1905; "Candomblé", *O Republicano*, Baía, 7 de Junho de 1897; "Num Candomblé — As Coisas do Feitiço", *Gazeta do Povo*, Baía, 16 de Agosto de 1905. Veja também meu artigo, "Os africanos na Baía", *Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, LXXVIII* (1941), 39-64.

Impresso nas oficinas da
Empreza Grafica Paranaense
CURITIBA